

SAPERE AUDE

EDITORIAL

DOSSIÊ: LINGUAGENS, INTOLERÂNCIA E DIALOGIA

Sapere aude – v. 10, n. 20, jul./dez. 2019 – ISSN: 2177-6342

LINGUAGENS, INTOLERÂNCIA E DIALOGIA

Márcio Antônio de Paiva*

I

Em tempos de pluralidade, tornou-se imprescindível a superação da mera disciplina para entrar numa época interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, o que equivale a superar a noção de conhecimento como juízo ou síntese no intelecto. Por outro lado e por vários motivos, a dialogia e a conjugação aparecem como norte para todas as atividades humanas. Nessa perspectiva, nasceu a ideia de um simpósio interinstitucional: PUC Minas e ISTA. Não só isso. A história da PU CMinas, como uma grande universidade, e os esforços do Instituto Santo Tomás de Aquino, como locus privilegiado da formação dos religiosos, colocam as duas instituições como contemporâneas. Nos dizeres de Agamben (2009, p. 62), ser contemporâneo significa enxergar as trevas do próprio tempo, “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”. PUC e ISTA

* Doutor em Filosofia pela Pontificia Università Gregoriana (Roma). Coordenador do Curso de Filosofia e Chefe do Departamento de Filosofia da PUC Minas. E-mail: p.marciopaiva@yahoo.com.br.

comungam do mesmo horizonte e da mesma inspiração cristã, por isso a parceria é vital e enriquecedora para todos.

O segundo aspecto que nos chamou a atenção, nesse simpósio que termina, foi a conjugação de esforços multidisciplinares entre Filosofia, Teologia e Ciências da Religião. De fato, no reino das ciências não há nem reis nem rainhas, mas dialogia e conjugação. Mesmo movendo-se em horizontes hermenêuticos distintos, as três áreas com seus estatutos epistemológicos, podem se enriquecer e encontrar propostas criativas para tempos sombrios e de tanto extremismo. Penso que a dialogia sempre vai descobrir a *mesotés*. Ainda que aberta ao dinamismo infinito do espírito, se não se propuser a dialogar, a Filosofia corre o risco de esbarrar-se na esterilidade conceitual; a Teologia que não dialoga com outras áreas do saber se encastela e se burocratiza ao perder o solo vital da existência humana; e as Ciências da Religião, quando não conversam com a Filosofia e a Teologia, correm o risco de uma pretensa objetividade ao tratar de um fenômeno que é também simbólico e, muitas vezes, escapa ao método das ciências da natureza. Dessa forma, o *simpósio*, o estar-junto, o sentar-se-à-mesma-mesa, expressa dialogia e conjugação, como uma lógica para além do determinismo objetivista e tecnocientífico, uma lógica das ciências do espírito.

Um evento que envolveu não apenas três áreas, mas professores, pesquisadores, graduação e pós-graduação, pode significar muito para o presente e para o futuro, sobretudo com as publicações que emanarão dele. Levamos ainda em consideração que, seja na Filosofia seja na Teologia, há pesquisadores respeitados, mas, sobretudo, é preciso destacar as Ciências da Religião com todo o seu espectro multidisciplinar.

II

A escolha de um tema por si só já condiciona e direciona a realização de um evento, pois exprime uma concepção do espírito que se traduz em saber. Mas a escolha não foi nada fácil. Chegou a ser até mesmo um risco. Escolher é comprometer-se, é lançar-se ao futuro, é expor-se. Mas quando se trata de uma escolha conjunta, ali já

iniciamos o simpósio, já estávamos vivendo sob as luzes do simpósio de Filosofia, Teologia e Ciências da Religião.

Mas e o tema? O leque de interesses, as possibilidades, os desafios contemporâneos, os olhares epistêmicos, numa palavra, a pluralidade enriquece, mas também pode entorpecer e confundir. O grande desafio da pluralidade é descobrir o vínculo metafísico que nos une e preservar a diferença, sem anular a alteridade, diria Lévinas. Simpósio não é ajuntamento. Antes, obedece a uma lógica que se poderia chamar *proximidade*. E esta já é escuta e acolhimento da diferença. “Desse modo, a lógica da proximidade não exclui o conhecimento, mas o precede; não se esgota no encontro, mas eticamente transcende ao infinito. A proximidade não se totaliza no conceito, mas é intriga ética” (PAIVA; TOMÉ, 2014, p. 127). Como afirma Lévinas, “O contato é ternura e responsabilidade” (LÉVINAS, 1967, p. 275) e a estrutura da vida é ontologicamente interdependência e comunhão. Quando entramos em contato, encontramos o outro e nos encontramos. Desse modo, nosso I simpósio internacional e interinstitucional marca uma nova era: a era da dialogia. Pensar é essencialmente dialogia, dá-se através da razão. Pensamento solitário, se há, é anti-pensamento ou pretensão de pensamento, exaure-se na solidão do *cogito*. Aliás, o *cogito* só sai da solidão quando descobre o que não se reduz ao pensamento solitário. É impossível pensar filosófica e teologicamente sem o outro, o diferente, a pluralidade. Grande lição, talvez, do nosso simpósio tenha sido a pontuação de que a lógica binária não serve para a vida humana, esta é múltipla em suas linguagens, expressões culturais e em suas verdades. Não há apenas A e B antagônicos. Há todo um alfabeto existencial e cultural querido desde a criação. E Deus viu que isso era bom (Gen 1, 31).

Diante da inevitável pluralidade, pensou-se num tema abrangente por um lado e, por outro, favorecedor da dialogia e da conjugação. Descobrir ou redescobrir o elo metafísico ou espiritual das diferenças é uma tarefa urgente das ciências humanas. A epistemologia da determinação, a metodologia quantitativa e a lógica do cálculo racional são de fato violentas. Onde está o elo humano e espiritual entre: oriente e ocidente, homem e mulher, primeiro e terceiro mundo, corpo e alma, espírito e natureza? A categoria de *conjugação* aqui não deve ser entendida numa busca da

totalidade, nem numa síntese definitiva, mas traduz-se em esforços históricos conjuntos, em tarefa cotidiana, procurando “com o ânimo de quem está para encontrar, e encontrando com o ânimo de quem está para procurar” (AGOSTINHO, 1987, IX, 17, 1). *Dialogia* expressa abertura para penetrar no mundo dos outros e compreender as suas “razões”. Eis aí a fundamental tarefa de um simpósio, que exigiu de nós a mútua cooperação para adotar também a perspectiva do outro. Assim, julgamos ser possível escapar de pretensas soluções universalistas na direção da criatividade para enfrentar os desafios que envolvem a todos no mundo, hoje, interligados em torno do planeta Terra.

Atentos à contemporaneidade, o tema do simpósio pareceu-me feliz: *Linguagens, intolerância e dialogia*.

Nosso mundo hodierno se deixa exprimir e entender em múltiplas linguagens. A articulação do sentido que se dá na compreensão do mundo e na sua interpretação é linguagem. Hoje já se fala até em linguagens de máquinas! E há aquelas que nada comunicam, mas causam estrago. Há linguagens *fake*, há outras de tribos contemporâneas. Há muitas linguagens: fechadas, dogmáticas, outras relativistas e fragmentadas. Estaríamos próximos ao mito bíblico-teológico da torre de babel? Há a hipótese de que, diante das múltiplas linguagens, é-se tentado a anular a diferença e a legitimidade do outro. Impõe-se a força do poder. Daí, brota também a tentação do pensamento único e a inevitável intolerância. Em todo o mundo hoje crescem forças extremistas na moral, na política e na religião. Surge uma linguagem que não aceita a alteridade. De tão pobre e insegura, busca eliminar a alteridade e a diferença, como se isso fosse possível. O que pensar filosoficamente? Como encontrar o *Grund* para tal abordagem? Do ponto de vista da Teologia somos todos irmãos e a vida humana é comunhão. Mas efetivamente qual a contribuição da Teologia? Diante da rapidez e velocidade das linguagens, das mudanças e degenerescência das teorias, o que permanece? Que leituras fazem as Ciências da Religião sob a perspectiva sociológica, antropológica e política? É possível encontrar o elo perdido. Perdeu-se o elo? Ou era apenas crença expressa numa linguagem de um tempo que não existe mais?

Recentemente, escrevi que em nossas origens filosóficas, encontra-se uma célebre expressão aristotélica, segundo a qual “aquilo que é se diz abundantemente” (τὸ ὄν λέγεται πολλαχῶς - *Metafísica* 1028 a). Não querendo entrar na perspectiva aristotélica da substância e dos acidentes, do ato e potência e das categorias em geral, é preciso dizer com o Estagirita que, mesmo com todas as predicções e abordagens, restaria algo ainda para se dizer daquilo que é. O ser superabunda, é abundante, mas em todos os casos permanece a substância como referência última. Desse modo, a tentação e a violência do pensamento único que, não raras vezes se impuseram na história ocidental, mesmo que permaneçam ainda hoje, são desafiados a repensar originariamente as próprias origens. Se para Aristóteles, o conhecimento é uma tendência humana por natureza (*phýsei*), é preciso dizer também que o conhecimento vai até as causas primeiras. Mas, no momento presente, somos herdeiros de uma modernidade que aboliu o horizonte da transcendência e da metafísica, pela lógica da razão instrumental. Dialogar com a superabundância de tudo o que é significa, no contexto atual, romper com paradigmas e reencontrar o autêntico lugar da diferença. A sua legitimidade. A sua inalienabilidade. Pois, afinal, no ser já se encontra a diferença. E entrevê-la já é sabedoria.

III

Um simpósio nos tira daqui. Desinstala-nos. A modernidade se definiu como a época da superação, da novidade que envelhece e logo é substituída por uma novidade mais nova, num movimento irrefreável que desencoraja qualquer criatividade, ao mesmo tempo que a requer e impõe como única forma de vida (VATTIMO, 1998, p. 171). A modernidade se concretizava na descoberta e existência de um *novum* que funcionava como fundamento; agora, pois, com a dissolução do fundamento, não há mais espaço para tais descobertas fundantes. Isso gera muitas linguagens. Seria possível o diálogo? Como encontrar o entendimento mútuo só pela diferença das linguagens? Como, em meio a tantas e rápidas mudanças, propor teologicamente o sentido da vida humana e sua sacralidade?

A era da globalização aproxima as culturas e as nivela sob o signo do mais forte. Mas significa a globalização uma época de intercâmbio, diminuição das distâncias e feitura de pontes? Ou há uma lógica por detrás do fenômeno global – a lógica do neoliberalismo – que se traduz em colonialismo cultural? Que linguagens se falam na aldeia global? As ciências da religião, em seu rico espectro multidisciplinar, revelam que há um *retorno* da religião, uma *Verwindung* da mesma. Mas quais as faces desse fenômeno profundamente humano e entrelaçado com a cultura? Perante intolerâncias irracionais e linguagens múltiplas, estaríamos entrando numa era da pós-verdade? O que diz a Filosofia? Se a hipótese de Vattimo procede, se o mito da objetividade da verdade não se justifica racional e cientificamente, como reelaborar as verdades da salvação cristã, tarefa específica da Teologia?

Assim, resta dizer uma provocação. A herança grega do Ocidente – através de princípios primeiros, como por exemplo, A é A, B é B, a síntese da multiplicidade fenomênica no conceito, o universal abstrato, a metafísica clássica, etc. – permite verdadeiramente ler o mundo atual e dialogar com as múltiplas linguagens? A dialogia se dá no logos, através do logos, ou há um chão-da-vida que precede as formulações lógicas e conceituais? Há uma verdade mais originária que aquela do logos? A tradição cristão-bíblica não seguiria outra lógica? De fato, parece que a escuta, o acolhimento, o deixar-ser, a proximidade revelam outra perspectiva do diálogo. Tal proximidade expressa-se na pequena ternura diante do outro (pobre, órfão, viúva, estrangeiro). Tratar-se-ia de um necessário retorno às origens? O que nossas ciências (Filosofia, Teologia e Ciências da religião) podem dizer?

Diante de tais reflexões ou provocações, diante de tudo o que o simpósio interinstitucional entre PUC Minas e ISTA significou, gostaria de partilhar uma perspectiva que tenho pensado há uns dez anos. Parece que, desde as origens gregas, o ser humano foi definido como *zoon lógon échon*. Expressão eloquente por si mesma. Mas muito ambígua e desmemoriada, uma vez que se esquece do terreno fenomênico de onde brotou. Definitivamente, acho que vivemos na era da pós-razão: enquanto *o orthós o logos*, enquanto universal, enquanto aberta à verdade e ao bem. Pergunto-me: já não seria hora de superar a disciplina, a lógica da síntese no conceito e a

epistemologia da prova empírica para voltar os olhares para o chão-da-vida? Não seria hora de entender que a verdade da vida é anterior e condição a toda e qualquer verdade científica?

Desse modo, anuncio a época do declínio da razão, *sola ipsa*, em função da dialogia e conjugação com seus irmãos: *eros*, *kratos* e *pathos*. São irmãos inseparáveis, congênitos em um passado imemorial que pretendemos decifrar no conceito e na lógica. Não há *lumen naturale* sem *eros* ou *pathos*. Não há logos que não seja essencialmente pretensão de *kratos* ou exercício de poder. Quem sabe se entendemos que *logos* está sempre de mãos dadas com uma dessas forças originárias da humanidade, a vida não se torne mais leve; talvez nos humanizemos, aproveitando o intervalo da impermanência nesse mundo, ou quem sabe vivêssemos com mais sabedoria. O dossiê da *Sapere aude* que chega ao leitor é fruto do nosso simpósio. Boa leitura.

REFERÊNCIA

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** Chapecó: Argos, 2009.

AGOSTINHO. **La Trinità**. Roma: Città Nuova, 1987.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. A cura di Giovanni Reale. Milano: Vita e Pensiero, 1989.

GONZÁLEZ FAUS, J. I. **Desafio da pós-modernidade**. São Paulo: Paulinas, 1996.

LÉVINAS, E. **Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1967.

PAIVA, M. A.; TOMÉ, M. E. F. Proximidade segundo Lévinas: uma lógica para além do relativismo. **Filosofia Unisinos**. Doi 10.4013/fsu.2014.152.03.

TEIXEIRA, F. **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

VATTIMO, G. **Acreditar em acreditar**. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

VATTIMO, G. **Adeus à verdade**. Petrópolis: Vozes, 2016.